



Alessandra formou-se técnica em Biblioteconomia no Câmpus Porto Alegre e trabalha na biblioteca de uma escola

“Todos somos diferentes”

Cristine Thomas

Alessandra Marília Cantoni, 39 anos, foi diagnosticada em 2005 com cegueira em ambos os olhos. Técnica em Biblioteconomia egressa do Câmpus Porto Alegre do IFRS, hoje trabalha na Biblioteca do Colégio Marista São Pedro (Biblioteca Infantil Débora Gurski Herbert), em Porto Alegre, onde a sua principal atividade é contar histórias para os alunos da Educação Infantil e Séries Iniciais, na Hora do Conto.

Alessandra formou-se no curso técnico no primeiro semestre de 2010, e poucos meses depois de formada, conquistou seu primeiro emprego desde que ficou cega; em setembro do mesmo ano começou a trabalhar no colégio São Pedro.

Em 2013, fez o curso de Contador de Histórias pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), também no IFRS. Atualmente cursa graduação em Filosofia na Faculdade do Instituto de Desenvolvimento Cultural (IDC) e licenciatura em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E nas horas vagas também faz trabalho voluntário junto a um abrigo de crianças carentes. Ela diz que sua grande paixão é a Educação. E não é à toa.

A revista Viver IFRS conversou com a ex-aluna, que falou da sua percepção sobre

a inclusão das pessoas com deficiência no mundo do trabalho, desafios e expectativas e contou um pouco mais da sua trajetória.

Viver IFRS: Como foi para você conseguir inserção no mercado de trabalho? Quais foram as dificuldades?

Alessandra: Houve dificuldades sim, para entrar no instituto (IFRS), fiz a prova normal como todas as pessoas; para me achar segura demorou um pouco, mas o instituto me deu muita força. Porque imagine eu voltar a estudar já sem a visão; foi um pouco mais difícil, mas não impossível porque hoje o mundo está mais moderno. As pessoas também me ajudaram, tanto os colegas quanto os professores e o Napne, então gosto muito do instituto, tanto quanto do Marista, são muito importantes para mim, porque mais para frente quando estiver em outros lugares, se não estiver aqui, ou fazendo outros trabalhos, que é o que pretendo, tenho meu projeto de vida, vou poder olhar para trás e ver que aqui foi uma grande oportunidade, assim como o instituto. As dificuldades são várias, para um cego é muito difícil caminhar na rua, então este ano que vou começar a fazer a orientação e mobilidade; porque uma pessoa que nasce cega ela vai se adaptando ao longo da vida, com a bengala, com a rua, com a independência; então brinco que sou uma cega “fresca”, perto de outros; sei escrever braile um pouco, mas ler o braile não

ENTREVISTA

leio, porque tem que ter um treino. E aqui, como é uma biblioteca que eu me viro como na minha casa, é infantil, conto as histórias eu uso programa de voz, no notebook; agora se eu fosse trabalhar por exemplo numa biblioteca da PUC, que tem um acervo em braille, ou na pública, eu precisaria estudar braille para atender aos alunos cegos. Aqui, não tem criança cega, tem crianças com síndrome de Down, com deficiência física... Então, por enquanto os cegos estão indo... Antigamente eles estudavam no colégio Santa Luzia, que era uma escola especializada, os deficientes ficavam escondidos, as pessoas da família tinham vergonha, e eles também não queriam se incluir com os ditos “normais”. Hoje, não, está todo mundo saindo, por causa dessa democracia da diversidade; hoje as pessoas não têm mais medo da diferença, todos somos diferentes, até mesmo quem não tem deficiência. Eu ainda tenho um pouco de dificuldade na locomoção e no braille. São meus bloqueios maiores.

Viver IFRS: Como é teu dia a dia no trabalho, com os alunos? E o convívio com teus colegas de trabalho? Eles te apoiaram desde o início?

Alessandra: Quanto entrei, eles se assustaram e eu também. Porque é o meu primeiro trabalho depois de cega, então eu sabia toda a parte técnica; primeiro é a teoria, mas depois você vai para a prática. Agora, como vou exercer o que eu aprendi, as minhas funções, as minhas atribuições como técnica, dentro de uma escola? Aqui, as crianças e os adolescentes precisam muito de nós. Quando entrei aqui eu achava que fosse ficar isolada, mais quieta, tinha um monte de medos na minha cabeça. E aí o que aconteceu foi o inverso, as crianças, ao me verem subindo os degraus, até hoje me pedem “profe, tu quer ajuda?”. Antes não conseguia subir as escadas sozinha. Então, imagine, eu fui apresentada, me lembro o primeiro dia, eles passavam a minha mão pelo colégio; foi assim durante uns três meses, tentando encontrar cada móvel aqui da biblioteca. A escada foi uma dificuldade bem grande. Porque também tinha medo da escada. E sabe que hoje eu ando e subo essa escada até mais rápido que as pessoas que enxergam porque vou pelo corrimão, e com a bengala. Então, ando sozinha em todos os degraus e todo esse andar. Aí, quando vim aqui, pensei o que que eu vou fazer? Aí comecei a limpar, a organizar com a minha mão, por contato, aí a Andreia, minha chefe, falou assim: “Alessandra, tenho uma turma aqui, tu quer contar história? Tu leva esse livro pra casa, lê com alguém, tua fi-

lha, tua mãe, teu pai, teu marido, e aí tu te prepara para vir contar a história”. Aí passei o livro para o notebook, minha filha leu e eu digitei, e aí fiquei ouvindo a história, várias vezes. Como tenho facilidade - todo cego geralmente tem facilidade para gravar número de telefone, nome de pessoa, grava tudo - eu gravei a história, contei e eles me receberam muito bem. Foram me dando mais histórias para contar, e hoje conto para 13 turmas, sozinha! Fui encomendando materiais diversos, fantasias, um monte de coisas para ilustrar um pouco a história. A minha prática do dia a dia foi me dando autonomia, segurança, muita recepção boa dos professores, eles são muito queridos, nunca tive nenhum problema com nenhum funcionário, nenhum professor. As crianças são mais amorosas que as pessoas adultas, mais “desencanadas”. Claro que como toda profissão a gente tem ansiedades maiores, quero dar aula um dia, sonho em dar aula para crianças, já pensou? Um cego? Porque geralmente cego dá aula em faculdades, aí teria que fazer meu mestrado, tem as colegas que trabalham, as pedagogas, se eu for dar aula de Filosofia, tenho que dar aula para adultos. Mas o meu sonho é um dia ensinar, quem sabe Filosofia, para crianças. Acho que o pensamento vai ajudar a mudar essa geração. Tenho muitas coisas pela frente, como também contar histórias para crianças carentes. Eu atendo num abrigo, faço esse meu trabalho voluntário, mas é um trabalho bem de “formiguinha”, para a gente mudar um pouco esse mundo a gente tem que trabalhar muito.

Viver IFRS: A acessibilidade para receber profissionais com deficiência ainda é um grande desafio nas empresas e instituições. A escola em que trabalhas estava preparada, te deu todas as condições para te receber?

Alessandra: Não me deu todas as condições e não estava preparada. Porque isso não é reclamação, mas acho que nunca as instituições vão estar preparadas. Está acontecendo esse movimento inclusivo, meio que “no susto”; as pessoas deficientes estão saindo, estão querendo, ainda mais por causa das cotas; a minha vaga aqui é para PCD (*Pessoa com Deficiência*). É louvável, é maravilhoso isso, mas tanto os deficientes quanto as pessoas que trabalham que não têm deficiência, elas precisam ser treinadas para isso. Eu não posso guardar livro; imagine tu pegar esse livro e fechar os olhos; mas às vezes a pessoa não consegue concatenar que tu não está vendo; eu tenho tato, então ela dá o livro e diz “tu vai guardar lá naquela prateleira lá”; eu vou gravando o que eu vou ter que gravar,

ENTREVISTA

mas na correria do dia a dia, às vezes o colega passa e não lembra que tu não enxerga, pois já está tão acostumado; aí então, como é que eu vou guardar? Demorou para se acostumarem que a minha função é limitada. As vezes quando tenho tempo, eu organizo por ordem de tamanho, porque eu tenho tempo; aí eu deixo a biblioteca bonita, organizada; agora, guardar, não dá. Porque não é fácil você atender aquele deficiente, tu sabe que ele é limitado, e tu não pode ter pena dele, e eu também não quero que me sintam vitimada, penalizada. Mas tem pessoas cegas que precisam de ajuda, que não aceitam bem a deficiência. Tem desafios? Claro que tem pessoas que não te cumprimentam, e não vai fazer diferença para mim, eu não estou vendo! Não vou dizer assim, “ah, ele é mal educado”, “esse professor é mal humorado”, não posso me sentir coitada. As vezes até eu mesma esqueço que sou cega. Tem muitos desafios, para treinar pessoal, mas eu acho que o maior treinamento é a vida, é o dia a dia mesmo, e ajudar essas pessoas que ainda não estão trabalhando, elas teriam que ter um apoio psicológico, com um psicólogo, isso ajudaria; ou antes também, se uma instituição bem organizada que fizesse uma reunião entre os funcionários para discutir “Como que nós vamos acolher essa pessoa? Como será que ela é? Quais são as expectativas dela? E as nossas?”.

Viver IFRS: Sobre essa questão do mercado de trabalho, no que o Brasil precisa avançar em termos de inclusão das pessoas com deficiência?

Alessandra: Olha, concurso público é mais

difícil ainda do que as instituições privadas. Eles acham que você é uma estúpida, e eu vou fazer uma crítica bem severa: eu já fiz dois concursos públicos, e já fui classificada nos dois; até hoje não assumi. E o dia que eu fui correr, para fazer a prova, uma das pessoas da banca olhou para a minha cara e falou “o que que tu tá fazendo aqui? Tu trouxe teu professor para correr? Como é que tu vai correr aqui?”. Eu tinha que ter gravado! Eu ia entrar com uma ação, mas não precisou, pois sabe o que aconteceu? Uma colega, que também tinha um problema no braço, que passou como deficiente, entrou com uma ação e foi cancelada a prova física. Eu não fiz nada, mas ela entrou por nós e agora não tem mais como recorrer. Então tem que entrar com esses processos, essas ações, contra essas pessoas, porque é difícil entrar deficiente; eles querem deficiente “bonitinho”, sabe? Sem meio dedo, um pedacinho da orelha faltando, sei lá! Acho que a baixa visão eles conseguem mais, tipo, tu enxerga só de um olho, que nem eu fiquei assim algum tempo. Mas o deficiente total, que tem as limitações, é mais complicado. A lei manda, mas aplicar essa lei é difícil. Está na Constituição Federal, mas tem que sair do papel.

Viver IFRS: Como percebes a questão da acessibilidade e inclusão nas instituições de ensino, como no Instituto Federal, onde estudaste?

Alessandra: Muito boa. Lá na antiga escola técnica da UFRGS (sede do Câmpus Porto Alegre do IFRS até 2011), era uma rampa, e eu tinha um medo daquela rampa. Imagine, eu era toda travada. E depois no final eu es-

CRISTINE THOMAS



Estudante de Letras e Filosofia, Alessandra pretende continuar se aperfeiçoando e planeja dar aulas

tava subindo a rampa sozinha, e ainda como eu fui muito bem acolhida no instituto. Todos os funcionários, todo o pessoal, a gente acaba fazendo amizades, então eu tenho muita gratidão ao instituto, sinto falta. Então todo o acolhimento do Napne para eu estudar, me deram uma sala com telefone, imagine... scanner, impressora braille! Então tem um espaço bom, é até bom divulgar, foi muito bom o Instituto pensar em inclusão, porque quem sabe, as pessoas vão olhando, e vão querendo se inscrever, para fazer esses cursos técnicos... quantos deficientes poderiam estar lá fazendo um curso técnico?

Viver IFRS: E como foi o curso que fizeste pelo Pronatec, de Contador de Histórias? Ajudou no teu trabalho?

Alessandra: Muito bom, depois do Pronatec eu não quero mais parar de estudar. Um curso maravilhoso, amei fazer, eu fui a primeira turma a se formar. Eu já estava trabalhando aqui e falei: tenho que me atualizar. Até tenho vontade de fazer outros cursos pagos, tens uns cursos na biblioteca Lucilia Minssen (*na Casa de Cultura Mario Quintana*), que vem uns contadores famosos, e até mesmo ir para outro estado do Brasil, quando tiver. Mas isso daí eu tenho que estar ganhando mais, então eu tenho vontade ou de trabalhar num lugar de manhã para completar minha renda, porque eu estudo de noite, para ficar investindo mesmo em mim. Minha filha vai fazer 14 anos, então ela me dá força para estudar e eu apoio ela, estudo com ela. O único dia que eu paro em casa é domingo, porque aí estudo à noite, faço minhas palestras, tenho um monte de palestra já agendada. Entrei dia 2 de setembro de 2010 (*no Colégio Marista*), e de lá não parei mais, tem que buscar o aperfeiçoamento, o autoaprimoramento. A gente que está trabalhando, tem que pensar em crescer sempre.

Viver IFRS: Qual a tua opinião sobre a situação atual do mercado de trabalho para as pessoas com deficiência?

Alessandra: Acho que ainda tem que ser investido mais, tanto no mercado de trabalho, instituições de educação, nas universidades, para essas pessoas com deficiência se prepararem, ajudar com políticas públicas, atendimento psicológico, porque elas precisam. Consegui porque tenho uma força interior, tenho meu Deus interior, e ajuda da família. Acredito que tem outros deficientes

que também não tem muita ajuda, que são sozinhos; tem pessoas muito necessitadas ainda, então acho que tem que se investir mais, ajudar. Por exemplo, o que acho que mais se precisa ainda para os cegos são os cães guias. E também as cadeiras de rodas. Estou aqui falando da minha deficiência, sendo bem egoísta, mas tem o lado dos cadeirantes, olha as calçadas o quanto tem que melhorar. E também os surdos. Se você não souber Libras, como é que você vai conversar com eles? Libras eu sei que já está avançando, mas teria que ter cursos mais acessíveis. E braille também. Então, acho que tem que ajudar a facilitar a vida de quem quer ajudar os deficientes, e a vida deles mesmo na rua. E o transporte... isso aqui vai demorar ainda, está começando. Porque fora do país, eles não podem ter um burquinho na calçada. Então por que o governo não arruma as calçadas dos outros já que as pessoas não têm condições? Porque é caro arrumar uma calçada. Imagine arrumar cada calçada de cada casa, para as cadeirinhas deslizarem e os cegos não caírem em buraco nenhum? Então tem que melhorar muita coisa.

Viver IFRS: Fale um pouco sobre a questão das diferenças, na vida e no trabalho...

Alessandra: O que é a diferença? É a aceitação. Eu me aceito diferente, e você me aceita diferente. Mas entre pessoas que enxergam, que não têm deficiência, a gente não aceita! A gente não tem divergências com as pessoas no trabalho? A gente pensa diferente, o nosso jeito de ser é diferente, a cara da pessoa, um é moreno e o outro é loiro, outro é japonês, o outro é gordo, é magro. Tudo isso implica diferenças de pensamento, só que a gente pode não concordar, mas também tem que aceitar, ser um pouco flexível. No trabalho, geralmente, é onde mais manifesta as diferenças. E entre as crianças também já é assim. Desde pequenos, tudo para eles é feio ou bonito, é tudo visual. Então isso daí é geral, isso é para o ser humano, não é para o deficiente só. Tem pessoas que tem dificuldade de aceitar as diferenças, porque elas não concordam, mas não concordam para si mesmas e não para o outro. A vida é do outro. Homofobia, deficientes, isso tudo aí é porque está faltando o respeito. E aí cai sempre na filosofia, na educação. Você vai ensinar uma criança já desde pequena, na tenra idade, a respeitar o outro, com as opções dele, sejam elas quais forem, em qualquer área.

ENTREVISTA